

## **A Mulher que escreveu a Bíblia: uma visão paródica da Torá**

Kamilla da Silva SOARES  
Universidade Federal de Uberlândia  
Kamillahistoria@hotmail.com

### **Resumo:**

O livro que deu ao escritor Moacyr Scliar o prêmio Jabuti de melhor romance conta a história de uma moça que, após uma decepção, recorre a um terapeuta de vidas passadas e descobre que foi uma das esposas do rei Salomão. Apesar de feia, tinha o atributo de ser uma mulher letrada: algo impossível naquela época. Então o rei pede a ela que escreva um livro contando sobre os feitos judaicos e assim eternizando a memória daquele lugar e daquele povo. Uma narrativa surpreendente, com uma linguagem quase oral que nos prende a atenção pelo olhar peculiar da personagem para os acontecimentos. Nesta comunicação, iremos trabalhar a questão da paródia e da ironia, uma vez que Moacyr Scliar, ao dialogar com a Torá, utiliza-se do recurso humorístico, apresentando, às avessas, as origens da escritura sagrada. O leitor é cativado ao ler esta sátira de costumes da Jerusalém antiga, mesclada com terapias regressivas e uma mulher comum, vendedora de loja, que, há três mil anos, foi amante de Salomão, além de ter esboçado as primeiras versões da Bíblia. Nesta pesquisa, faremos, além de reflexões sobre a personagem feminina e sua vida de concubina, também um levantamento das frases populares chulas utilizadas pelo narrador e os personagens ao longo da trama, contrapondo estas expressões às citações canônicas e exegéticas do Pentateuco. Interessa-nos esta urdidura da narrativa de Scliar: o contraste entre as citações bíblicas e o discurso da rua. A fala herética da praça e os ecos sagrados da Bíblia. Como fonte teórica para nossos questionamentos e reflexões, estaremos ancorados nos estudos de Bakhtin, Diana Barros, José Fiorin, Bérqson e Freud.

Palavras-chave: Literatura-Paródia- Judaísmo

A narrativa que deu ao escritor Moacyr Scliar o prêmio Jabuti de melhor romance conta a história de uma moça que, após uma decepção, recorre a um terapeuta de vidas passadas e descobre que foi uma das esposas do rei Salomão. Apesar de feia, ela tinha o atributo de ser uma mulher letrada: algo impossível naquela época. Então, o rei pede a ela que escreva um livro, contando sobre os feitos judaicos e assim eternizando a memória daquele lugar e daquele povo. Uma narrativa surpreendente com uma linguagem quase oral que nos prende a atenção pelo olhar peculiar da personagem para os acontecimentos. Nesta comunicação, iremos trabalhar a questão da paródia e da ironia, uma vez que Moacyr Scliar, ao dialogar com a Torá, utiliza-se do recurso humorístico, apresentando, às avessas, as origens da escritura sagrada.

O leitor é cativado ao ler esta sátira de costumes da Jerusalém antiga, mesclada com terapias regressivas e uma mulher comum vendedora de loja que, há três mil anos, foi esposa de Salomão, além de ter esboçado as primeiras versões da Bíblia. Nesta pesquisa, faremos, além de reflexões sobre a personagem feminina e sua vida de concubina, como também um levantamento das frases populares chulas utilizadas pelo narrador e os personagens ao longo da trama, contrapondo estas expressões às citações

canônicas e exegéticas do Pentateuco. Interessa-nos esta urdidura da narrativa de Scliar: o contraste entre as citações bíblicas e o discurso da rua. A fala herética da praça e os ecos sagrados da Bíblia.

Um livro escrito por Scliar em 1999, que em menos de uma década foi adaptado e levado aos palcos, com o mesmo nome, sendo considerado pelo jornal *O Globo* um dos melhores espetáculos de 2007. Um monólogo feito pela atriz Inez Viana, que pelo papel recebeu o prêmio qualidade de melhor atriz no ano seguinte.

Aliás, um trabalho que une humor e o dom de fantasiar do escritor, inspirado na obra do crítico norte americano Harold Bloom, denominada *O Livro de J*, que trabalha com a hipótese de uma personagem feminina ser a autora da primeira edição das Escrituras Sagradas em meados do século X a.C. Narrada em primeira pessoa, pela personagem conhecida como a Feia, a obra foi analisada por vários estudiosos, principalmente com a morte do escritor, em fevereiro desse ano. Sobre essa obra, Ana Lucia Santana destaca partes cômicas relevantes:

Um dos toques de humor neste enredo fica por conta do terapeuta impostor que descobre estar enamorado de sua paciente; o outro elemento cômico é que a protagonista era a cônjuge mais desprovida de beleza, principalmente em seu rosto, e completamente perdida de paixão pelo marido.<sup>1</sup>

Para Santana, os momentos de comédia são: quando o falso terapeuta se apaixona pela paciente e quando Scliar constrói uma personagem com a feiúra que espanta. No entanto, sendo letrada, essa torna-se respeitada pelo marido, o rei Salomão, que a incumbe de escrever a história daquele reino. E assim, ela vai narrando trechos sagrados tanto para os judeus quanto para os cristãos, mas essas passagens são descritas de maneira parodiada, revelando a visão de uma mulher sobre os fatos considerados santificados. Essa paródia começa quando a personagem é descrita como uma das 700 esposas do soberano do Reino de Israel. Convivendo com as demais esposas e concubinas, descobre que existe uma ala das mulheres velhas, chamado retiro, e que o rei iria para ouvir histórias do passado, pois:

[...] as velhinhas, contudo, gostavam dessas visitas, que lhes permitiam gratas reminiscências: “Teu pai era grande fodedor, meu rei. Uma vez ele se apaixonou pela mulher de seu oficial, o hitita Urias...” - e aí Salomão tinha de ouvir pela décima vez a história de Davi e Betsabá.<sup>2</sup>

A história que elas contavam era dos pais de Salomão, pois Betsabá era esposa de um dos oficiais do Rei Davi, que após engravidá-la dispensou o marido para que todos pensassem que o filho era de Urias. Todavia, o general se recusou a ir se encontrar com a mulher porque estava em período de guerra. Então, para evitar a descoberta do adultério, Davi mandou Urias para frente de batalha e ele foi morto. Nos escritos judaicos, Deus puniu o Rei Davi com a morte desse filho, que Betsabá esperava, e com a revolta do filho mais velho que seria seu sucessor, dando a Salomão a sucessão ao trono. Essa passagem é descrita pela Feia, segundo ela:

---

<sup>1</sup> SANTANA, Ana Lucia. **A mulher que escreveu a Bíblia**. In: [www.infoescola.com/livros/a mulher que escreveu a bíblia](http://www.infoescola.com/livros/a-mulher-que-escreveu-a-biblia). Acesso em 10/10/11.

<sup>2</sup> SCLIAR, Moacyr. **A Mulher que escreveu a Bíblia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p. 63.

Ao mesmo tempo, não podiam escamotear episódios menos gloriosos, como a trágica revolta do filho Absalão, que por sinal morrera lutando contra o pai; e a muito perturbadora história de Betsabá, que narraram constrangidos, sem se olharem, sem me olhar. E havia razões para tal. O modo pelo qual Davi se livrara de Urias, marido de Betsabá, por quem estava apaixonado, fora simplesmente repulsivo: enviara o oficial para um posto perigoso na frente de combate, onde, de acordo com o esperado, o homem viera a morrer. Deus, que tudo vê, havia castigado essa ignomínia: o primeiro filho do casal morrera. Mas o segundo sobrevivera e se tornara rei. O rei Salomão.<sup>3</sup>

E ao retratar as histórias dos soberanos que governavam o Reino de Israel, a Feia fala de Saul, primeiro rei daquele lugar. Contudo, ela o descreve como um rei muito cruel, que viviu uma relação ambígua de amor e ódio com Davi: “Saul amava e odiava Davi a um tempo; tentou matá-lo, mas deu-lhe a filha em casamento”<sup>4</sup>. A Feia relata assim a construção da personagem Saul, segundo ela:

Naquele momento estávamos trabalhando com um personagem atormentado, difícil: Saul, o primeiro rei de Israel. Ali estava ele, às voltas com o clássico binômio poder e guerra – guerra cruel, que, no caso dos amalecitas, por exemplo, resultara no massacre de homens, mulheres e crianças.<sup>5</sup>

Posto isso, ela descreve o reino sobre o governo de Davi, que não se configurava tanto como passado, pois alguns anciãos que a auxiliavam na escrita se lembravam do rei antecessor a Salomão:

Com Davi, sucessor de Saul, estávamos, finalmente, em passado recente, um passado do qual os anciãos podiam até dar testemunho pessoal. Já não precisavam consultar pergaminhos; simplesmente deixaram fluir as próprias e reverentes lembranças. Tais lembranças falavam de um homem excepcionalmente bonito, músico, poeta, guerreiro, amante das mulheres.<sup>6</sup>

Essas características do rei Davi foram passadas ao seu filho, que Feia descreve como sendo um homem bonito. Nesse trecho, ela detalha o que vê no primeiro encontro com Salomão:

Que homem lindo, Deus do céu. Eu nunca tinha visto homem tão lindo. Um rosto longo, emoldurado por uma barba negra (com alguns fios prateados), olhos escuros, profundos, boca de lábios cheios, nariz um pouquinho adunco – o suficiente apenas para dar-lhe um charme especial. E o porte senhoril, e o ar másculo... Lindo, lindo.<sup>7</sup>

Um homem belo e sábio, pois nos escritos litúrgicos consta que o rei Salomão pediu sabedoria a Deus e foi atendido, sendo considerado o homem mais sábio de sua época. No entanto, a feia ironiza essa sabedoria acreditando ter mais “esperteza do que

---

<sup>3</sup> Ibidem. p. 131.

<sup>4</sup> Ibidem, p 130.

<sup>5</sup> Ibidem.

<sup>6</sup> Ibidem.p. 131.

<sup>7</sup> Ibidem.p. 45.

qualquer coisa”<sup>8</sup>. Essa sabedoria, contestada pela Feia, era um dos atrativos do rei que recebia outros monarcas, indo até ele pedir conselhos sobre as decisões a serem tomadas.

E uma das visitas foi da Rainha de Sabá, que recorria ao soberano do Reino de Israel para se aconselhar, nos escritos presentes tanto na Bíblia cristã como na Torá. Nesses encontros, todavia, não fica claro que houvesse qualquer relação de amor ou atração sexual entre eles. Para a Feia, em sua narração, o momento do aconselhamento acontecia, mas também ela os classificava como amantes e explica sua visão sobre aquela rainha que vinha de longe, uma concorrente à atenção do rei, uma hóspede que ele dava zelo. Não obstante, para ela, a Rainha de Sabá:

Tratava-se da soberana de um lendário país cuja localização ninguém sabia ao certo: ficava na Arábia, segundo uns, na África, segundo outros. Era famosa, essa mulher, pela beleza e pela audácia e pela riqueza. Da havia muito desejava conhecer Salomão, cuja fama de sábio chegara até ela. Seu tour tinha esse objetivo exclusivo: vinha ver o rei, uma visita que provavelmente se prolongaria bastante. Não era de admirar que as mulheres do harém se mostrassem francamente descontentes com a notícia. Já era feroz a disputa pelo leito de Salomão; a chegada de uma rainha estrangeira só complicaria as coisas. Aparentemente, vinha em busca de sábios conselhos, a exemplo de outros governantes; mas será que esse propósito declarado não mascarava ocultas intenções, uma aliança político-sexual? Fosse como fosse, o rei teria de dar atenção à hospede e isso, no mínim, faria com que ocupasse ainda menos das mulheres do harém, acirrado entre elas uma concorrência que chegava aos limites do intolerável.<sup>9</sup>

E assim, a personagem feminina, denominada na narrativa de Feia, vai desenvolvendo suas percepções sobre aquele lugar e, nesse sentido, tentando construir uma história para que seja aprendida pelas outras gerações. Rei Salomão quer que a Feia escreva a história do seu reino, ou seja, que passe as histórias orais para um livro e desse modo cristalize o discurso, eternize os acontecimentos daquele povo de maneira escrita. Segundo Salomão:

Um livro. Um livro que conte a história da humanidade, de nosso povo. Um livro que conte a história da humanidade, de nosso povo. Um livro que seja a base da civilização. Claro, o livro, como objeto, também é perecível. Mas o conteúdo do livro. É uma mensagem que passa de geração em geração, que fica na cabeça das pessoas. É que se espalha pelo mundo. O livro é dinâmico. O livro se dissemina como as sementes que vento leva. [...]

- Quero que escrevas esse livro. Quero que descrevas a trajetória de nossa gente através do tempo. Quero que fales de nossos patriarcas, de nossos profetas, de nossos reis, de nossas mulheres. E quero uma narrativa linda, tão bem escrita como uma carta que enviaste a teu pai. Quero um livro que as gerações leiam com respeito, para dizer o mínimo.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> Ibidem.p. 130.

<sup>9</sup> Ibidem.p. 129 e 130.

<sup>10</sup> Ibidem.p. 63.

No decorrer da história, contada no século X a.c, a preocupação do rei era transpor as tradições orais para a linguagem escrita. Todavia, a construção da obra caminha em direção contrária, pois uma das características da obra elaborada pelo escritor Gaúcho consiste em construir uma narrativa literária, numa linguagem coloquial quase oral. E essa maneira de construção narrativa, para alguns estudiosos, se constitui em um movimento contemporâneo, que valoriza elementos da tradição oral. Para Rafaella Pucca, o livro de Scliar pertence a esse momento literário. Segundo Pucca é:

[...] presença de uma tradição oral, captada pela experiência, pela memória e por uma estilização do discurso escrito, dentro da literatura contemporânea, em especial no romance *A mulher que escreveu a Bíblia* de Moacyr Scliar.<sup>11</sup>

Dessa maneira, a linguagem utilizada pelo escritor se aproxima do falar cotidiano da tradição oral; o livro se afasta da rigidez da linguagem escrita e migra para a oralidade. Outra característica apontada pelos estudiosos da teoria literária seria a paródia. Esse efeito de linguagem está presente na maioria das obras literárias contemporâneas, ou seja, paródia e modernidade caminham juntas.

Esse recurso lingüístico nos apresenta o que o filósofo Bakhtin chama de “o ponto de vista do outro”, uma construção teórica de que a paródia seria um olhar feito do lado oposto, outro lado da verdade, uma voz que havia sido silenciada. Nesse sentido, o escritor Affonso Romano Sant’anna, em seu livro *Paródia, Paráfrase e Cia*, refere-se a Bakhtin para esclarecer a questão das vozes presente na Paródia. Para Sant’anna:

Isto que estou colocando aqui, cruzando os níveis lingüístico e psicanalítico da leitura, aprofunda algo que Bakhtin afirmou quando destacou que o “estilizador utiliza a palavra do outro”, ou quando destacou que “ele trabalha com o ponto de vista do outro”. Esse “outro” do texto do teórico russo é sinônimo de “alguém”. Aqui nessas considerações, no entanto, quando digo outro, uso a acepção moderna: aquela voz social ou individual recalcada e que é preciso desentranhar para que se conheça o outro lado da verdade.<sup>12</sup>

A voz social ou individual, recalcada no texto acima, pode ser da Feia, que executa uma tarefa inimaginada para uma mulher, principalmente no século X a.c, na qual a história é ambientada. O fascínio da literatura encontrar-se-á justamente na liberdade de fantasiar, pois o escritor Moacyr Scliar constrói uma narrativa em que as passagens litúrgicas são criadas sob o viés de uma mulher letrada, ou seja, mostra o olhar do outro, pois os escritos, seja na Bíblia ou na Torá, são feitos por homens, pois as mulheres não sabiam ler ou escrever, até meados do século XX, sendo consideradas seres humanos incapazes. E assim, o leitor se fascina com a possibilidade que Scliar coloca de que parte dos escritos foi feitos por uma mulher.

Uma personagem feminina que inverte os fatos considerados sagrados, ou seja, constrói outra imagem para os acontecimentos, enfatizando pontos específicos. O que Sant’anna chama de paródia, pois:

<sup>11</sup> PUCCA, Rafaella Berto. **Dialogia e marcas da oralidade em *A mulher que escreveu a Bíblia* de Moacyr Scliar**. In: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. Volume 7 (2006).p. 01.

<sup>12</sup> SANT’ANNA. Affonso Romano de. **Paródia, Paráfrase e Cia**. 7ª edição. 5ª impressão. Editora Ática: Rio de Janeiro, 2003. P. 29

É como uma lente exagera os detalhes de tal modo que pode converter uma parte do elemento focado num elemento dominante, invertendo, portanto, a parte pelo todo, como se faz na charge e na caricatura.<sup>13</sup>

E assim, o escritor constrói uma paródia dos escritos sagrados dando a uma personagem feminina o direito de escrever uma caricatura da liturgia. Nesse sentido, a mulher como narradora suscita possibilidades relevantes, pois no decorrer do enredo, antes de começar a escrever o livro, Feia tece questionamentos acerca do que havia sido ensinado sobre Deus e a origem do mundo; segundo ela:

Por que Deus e na Deusa? Por que Jeová e não Astarté, a divindade que outros povos da região veneravam? Por que barba e não face lisa, com no máximo alguns sinais ou talvez até muitos sinais? Por uma simples e definitiva razão: eu não podia começar o grande livro criando caso, ainda mais com meu patrocinador. Salomão falava em Deus, os velhos falavam com Deus, meu pai falava em Deus. Deus!, bradavam as rochas da montanha. Deus!, gritavam os pássaros, os canoros e os mudos. Deus, portanto. Na minha cabeça, Deus seria apenas a energia geradora, não uma figura antropomórfica a reinar sobre a criação. Que Salomão e outros o imaginassem como homem, a mim não importava.<sup>14</sup>

E assim, ela questiona sobre a imagem que se cria de Deus, como sendo um homem. Essa postura feminina contestadora da personagem é analisada pela estudiosa Rafaela Pucca:

A protagonista vê com os olhos da modernidade (ou pós-modernidade) suas experiências vividas em uma época longínqua. É o rever a tradição, recontá-la sob outros olhares não restritos a uma elite letrada, sendo, neste caso, a postura feminina frente ao discurso (religioso-eurocêntrico, ou seja, a partir homem branco, cristão e ocidental) que sempre a marginalizou.<sup>15</sup>

Desse modo, a postura feminina moderna apontada por Pucca mostra-se errônea, pois Feia olha para seu tempo como uma pessoa de sua época. No entanto, o que a diferenciava das demais mulheres era o fato de saber ler e escrever, o que proporcionava a ela acesso às diversas fontes de informação destinadas somente aos homens, sendo esse fato que faz com que a protagonista questione e perceba sua marginalização frente aos homens. Em diversas épocas, o acesso à escrita era proibido às mulheres; primeiro por não serem consideradas seres capazes e também por medo de que essa habilidade colocasse em risco as sociedades patriarcais em que os homens dominavam.

Assim, os questionamentos levantados por Feia condizem com os das demais mulheres que foram conquistando espaço ao longo dos séculos, pois nos escritos bíblicos elas aparecem como uma extensão dos homens, mas na narrativa criada por Scliar elas são colocadas no centro da trama. A mulher representada por Feia é o sujeito construtor do discurso; a história é contada a partir de seu olhar, de suas percepções. A isso Bakhtin chama de “o olhar do Outro”. Scliar permite ao leitor, então, uma leitura

<sup>13</sup> Ibidem.p. 32.

<sup>14</sup> SCLIAR, Moacyr. **A Mulher que escreveu a Bíblia**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.p. 94.

<sup>15</sup> PUCCA, Rafaela Berto. **Dialogia e marcas da oralidade em A mulher que escreveu a Bíblia de Moacyr Scliar**. In: Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários. Volume 7 (2006).p. 05.

lúdica e fluente, devido à linguagem oral e a uma trama com aspecto cômico e surpreendente das históricas tidas como sagradas, tanto na Bíblia como na Torá.